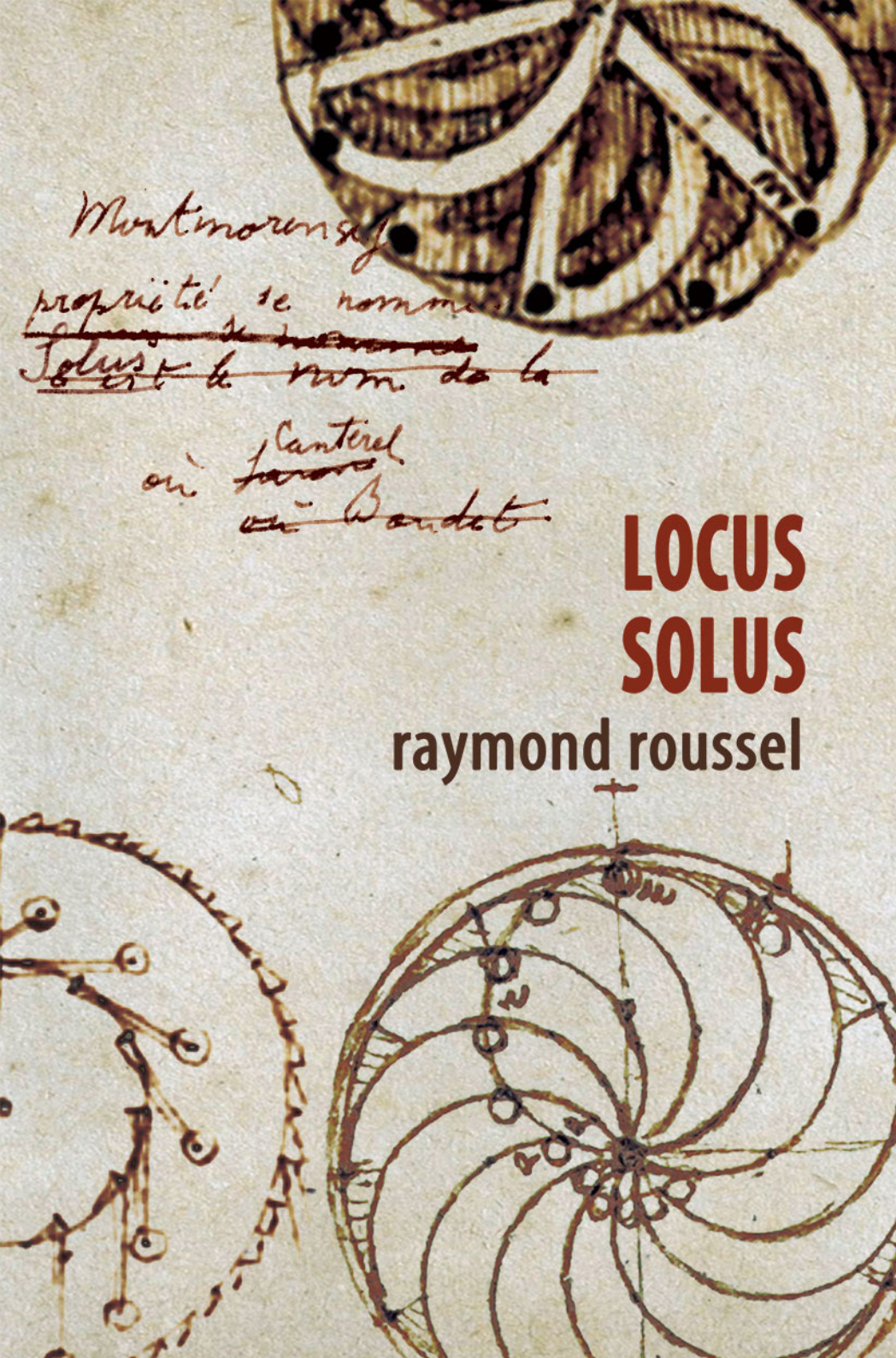


# SOPRO 99





# LOCUS SOLUS

raymond roussel

## **Locus solus**

Raymond Roussel

Tradução de Fernando Scheibe | Prefácio de Raúl Antelo

Posfácio de Pierre Bazantay | Capa e projeto gráfico de Marina Moros

Desterro: Cultura e Barbárie, 2013 [pseudo- coleção de literatura, 344pgs].

Venda e mais informações em [http://culturaebarbarie.org/?page\\_id=511](http://culturaebarbarie.org/?page_id=511)

## **Roussel, la vie**

Raul Antelo

Texto apresentado no lançamento da tradução brasileira de *Locus Solus*, dia 28 de novembro na Fundação Cultural BADESC (Florianópolis).

O mestre mandou edificar em seu parque, alargando parcialmente uma alameda retilínea a fim de obter uma localização favorável, uma espécie de imensa sala retangular, simplesmente formada por uma estrutura metálica sustentando um telhado e paredes de vidro. Guarneceu-a de aparelhos elétricos refrigeradores destinados a criarem ali um frio constante, que, suficiente para preservar os corpos de toda putrefação, não chegava a endurecer seus tecidos. Vestidos com roupas quentes, Cantarel e seus ajudantes podiam, sem problemas, passar ali longos momentos.

Transportado para esse vasto frigorífico, cada defunto admitido pelo mestre sofria uma injeção craniana de *ressurrectina*. A introdução da substância acontecia por um furo fino que, aberto acima da orelha direita, recebia logo uma estreita rolha de *vitalium*.

Uma vez em contato *ressurrectina* e *vitalium*, o sujeito agia, enquanto ao seu lado, uma testemunha de sua vida, convenientemente agasalhada, empregava-se em reconhecer, pelos gestos ou pelas palavras, a cena reproduzida, – que podia se compor de um feixe de vários episódios distintos.<sup>1</sup>

Essa outra cena que a *ressurrectina* (destruição constante) e o *vitalium* (iteração contínua), combinados, davam a ver, numa mensagem secreta e póstuma, é o segredo que sempre permanece póstumo, assim como a morte nele desempenha uma função indutora e vital. Mas é inegável, por sua vez, que o acontecimento da *ressurrectina* precipita, na escrita de Roussel, uma noção de época, que pode ser relevada em três vertentes, como suspensão fenomenológica do juízo, à maneira da *epoché* de Husserl; como tempo definido pelo deslocamento de uma estrela, tal como esse conceito se usa na astronomia (Roussel refere-se ao episódio) e, por último, como ponto fixo ou acontecimento destacado que organiza a cronologia. Nesse sentido, o acontecimento que define uma época avança sempre conforme a lógica do *après-coup*, só sabemos o que foi relevante numa vida de maneira póstuma, portanto, não há contemporaneidade entre o acontecimento e seu testemunho e isto define o contemporâneo como um tempo sem testemunhas, o tempo do desaparecimento do tempo ou do acontecimento simplesmente espectral. Em 1922, Pierre Frondaie, com o consentimento de Roussel, adapta *Locus Solus* para o teatro e a peça contém uma teoria da ruína, no diálogo entre Cantarel e Nousel, que atinge o ideal, auto-fantasmagorização.

<sup>1</sup> ROUSSEL, Raymond. *Locus Solus*. Tradução de Fernando Scheibe. Desterro [Florianópolis]: 2013. p. 170-1.

Seja, portanto, o *acontecimento* Roussel. Em julho de 1954, o patafísico argentino Juan Estaban Fassio, que logo inventaria uma máquina para ler Roussel, assim como inventou também uma máquina para ler *O Jogo da amarelinha* de Cortázar, escrevia no quarto número da revista *Letra y línea*:

La historia de la patafísica no ha sido siquiera esbozada. Sin embargo, “Les Enfants du Limon” de Raymond Queneau proporciona datos inapreciables sobre su prehistoria. Debe entenderse que todo patafísico anterior a la Era Patafísica (que comienza el 8 de septiembre de 1873, fecha del nacimiento de Jarry) será considerado como un patafísico involuntario, mientras que aquellos que son posteriores a Jarry, son patafísicos en general conscientes. Hay, por supuesto, brillantes excepciones: Raymond Roussel, cuyas invenciones y procedimientos verbales son patafísicos por excelencia, ignoraba seguramente a su genial contemporáneo. Dentro de la era de la patafísica, han hecho uso más o menos consciente de sus métodos: Jacques Vaché (“Lettres de guerre”), Arthur Cravan (revista “Maintenant”), Marcel Duchamp (“La Mariée...” -caja de documentos), Julien Torma (“Euphorismes”), René Daumal (“La pataphysique et la révélation du rire”, “La vie des Basiles”, “Pataphysique des Fantômes, etc. -artículos reunidos en “Chaque fois que l’aube paraît”), R. Queneau (“Petite Cosmogonie Portative”, “Philosophes et voyous”, etc.), Eugène Ionesco (“La Cantatrice Chauve” y todo su teatro), S. Dalí (interpretaciones paranoico-críticas), etcétera.<sup>2</sup>

Quero frisar que Roussel ignorou Jarry tanto quanto Cortázar ignovara Fassio. Não foram testemunhas um do outro. E se hoje os lemos é porque nossa leitura está encharcada de ressurrectina. Mas essa compreensão do acontecimento ressurectina contém, além do mais, um paradoxo: nomear o acontecimento é nomear outro acontecimento do qual o mais recente se destaca. A ideia baseia-se numa compreensão do tempo como estase, como suspensão do julgamento, em que o momento pós-tumo consegue revirar, de ponta cabeça, a iterabilidade do tempo. Não há, a rigor, posição de época sem reconhecimento de diferença entre tempos; mas essa combinação depende e decorre do próprio conhecimento que tivermos dos aparelhos que tornam uma época possível. Fassio, que expusera com os artistas madí, no final do peronismo, propunha uma saída ainda mais delirante para a História: uma pista-monumento em espiral, percorrida por bicicletas, para honrar Roussel, a ser construída ao lado da pirâmide de Maio, que comemora a independência colonial. Valeria a pena pensar nisso quando hoje assistimos a um renascimento, uma ressurrectina do trotsquismo no Prata, ao abrigo do tão odiado populismo. Na reversibilidade de totem e tabu, introduzida pelos antropófagos paulistas em 20 e, a seguir, na teoria da festa, desenvolvida pelos acefálicos, na Paris dos anos 30, constata-se já, como em Roussel ou em Fassio, uma idêntica e peculiar comemoração, a da emancipação do tempo, que não dispensa, entretanto, certa cerimônia na medida em que, sendo todo aparelho, por definição, um aparato, não existe emancipação sem espetáculo.

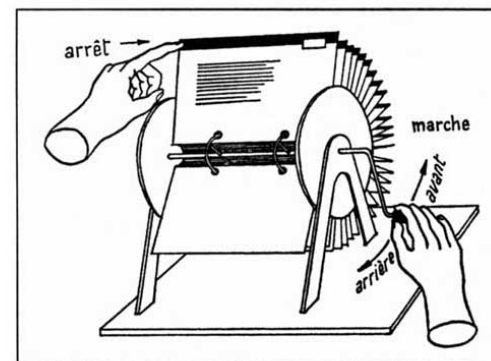
Freud instaurou o *après-coup* a partir do aparelho do inconsciente, ainda individual; Walter Benjamin, porém, separou-se da dialética como linguagem da *camera obscura* e detectou saídas em um aparelho

<sup>2</sup> Para ler a revista *Letra y línea* de Aldo Pellegrini, bem como um conjunto de ensaios que reavaliam o surrealismo, ver o excelente volume de BECERRA, Eduardo (ed.). *El surrealismo y sus derivas. Visiones, declives y retornos*. Madri: Abada, 2013.

anônimo e coletivo: a cidade. Poder-se-ia pensar que *Locus Solus* opera nessa direção que seria resgatada pelos surrealistas. Em seu famoso ensaio sobre essa estética, Walter Benjamin diz que

O truque que rege esse mundo de coisas – é mais honesto falar em truque que em método – consiste em trocar o olhar histórico sobre o passado por um olhar político. “Abri-vos, túmulos; mortos das pinacotecas, mortos adormecidos atrás de portas secretas, nos palácios, nos castelos e nos mosteiros, eis o porta-chaves feérico, que tendo às mãos um molho com as chaves de todas as épocas, e sabendo manejar as fechaduras mais astuciosas, convida-vos a entrar no mundo de hoje, misturando-vos aos carregadores, aos mecânicos enobrecidos pelo dinheiro, em seus automóveis, belos como armaduras feudais, a instalar-vos nos grandes expressos internacionais, a confundir-vos com todas essas pessoas, ciosas dos seus privilégios. Mas a civilização fará delas uma pronta justiça”. Tal o discurso que Apollinaire atribui a seu amigo Henri Hertz. Apollinaire foi o inventor dessa técnica. Ele a aplicou em sua novela *L’hérésiarque* com um calculismo maquiavélico, para mandar pelos ares a religião católica, a que ele interiormente continuava ligado.<sup>3</sup>

No centro desse mundo de coisas está o mais onírico dos objetos, a própria cidade de Paris. Joseph Cornell faria o equivalente com Nova York. A modernidade desse lugar (amnésico) da memória oferece-nos, em poucas palavras, uma arte da citação, dos cartazes, dos grafittis e do letrismo enfim. É esse seu método. E, assim como o psicanalista orienta-se por uma escuta flutuante, o leitor de *Locus Solus* usa o aparelho benjaminiano da *passagem*, que realiza uma leitura flutuante, entre tempos dissímeis que tensionam o acontecimento de nossa época até fazê-lo disseminar em saltos. Esses saltos chamam-se *leitura*. Roussel, em suma, inventou o texto.



<sup>3</sup> BENJAMIN, Walter. “O surrealismo. O último instantâneo da inteligência européia”. Em: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

## ARQUIVO

## A eterna traição dos brancos

Antonin Artaud

Em 1936 Artaud permanece uma semana em Havana, onde escreve vários artigos para jornais cubanos. Este texto, o único reencontrado, foi publicado em *Carteles*, em 1º de novembro de 1936. A edição, nas *Obras*, foi feita por Marie Dézon e Philippe Sollers. Cf. ARTAUD, Antonin. "L'Éternelle Trahison des Blancs". Em: *Oeuvres*. Paris: Gallimard. 2004. pp. 681-683. Tradução de Vinícius N. Honesko.

Cansados de serem deuses, periodicamente os homens se lembram de que são homens, e começam a exaltar tal condição de homens como se ela fosse superior àquela dos deuses.

Não sei se já foi observado que, em todos os tempos, no instante em que os homens se reconhecem apenas como tais e nada mais, a civilização, por sua vez, colapsa, como se à vida do mundo fosse preciso, para que ela possa se manter à máxima altura de seu destino, o suporte da imaginação exacerbada dos homens.

As crises do humanismo, com um notável paralelismo, sempre correspondem às crises da civilização. A coincidência, é preciso que se diga, é estranha. Quando o estado da civilização já é de desespero e quando a ideia de cultura já está em via de total regressão, os homens então põem-se a falar de humanismo, como se o homem tivesse poder de escapar da Natureza, como se a anarquia dominante não tivesse acontecido, antes de tudo, por causa dessa ideia estreita e aviltante do homem que, através dos séculos, não cessou de se camuflar sob o termo humanismo: do humanismo do Renascimento ao humanismo materialista de hoje.

Humanismo sempre significou que o homem reduzia a Natureza ao seu talante, que ele fazia do padrão "homem" uma espécie de medida comum, tanto física quanto moral, à qual, de maneira periódica, deviam se referir todas as coisas do mundo.

E tal momento sempre é aquele em que se propaga o culto de uma faculdade especificamente humana, a razão, e no qual o duplo ponto de vista, da moral e da psicologia humanas, estende suas crueldades em todos os sentidos.

É desconcertante perceber que fora do homem a moral não existe e que o ponto de vista materialista, que procura fazer da razão humana uma sorte de chefe universal, chega apenas a um servilismo, o servilismo do homem diante da Natureza, pois o homem se faz escravo de sua própria moral e prisioneiro dos tabus que ele mesmo criou.

Por sua vez, essa concepção de moral da natureza e da vida – segundo a qual o homem sente em si mesmo sua própria vida como distinta da Natureza – corresponde a uma ideia dualista das coisas. E sempre vimos nascer o humanismo nas épocas que separaram o espírito da matéria e a consciência da vida.

Tal concepção é europeia. O mundo branco, através dos séculos, sempre fez dessa particularização uma especialidade.

Quando na Europa aconteceram guerras religiosas, estas sempre foram feitas contra a eterna unidade do espírito. A guerra dos albigenses foi contra os *partisans* da vida unitária enquanto, no curso das guerras religiosas na Índia, foram os *partisans* da dualidade da vida e da preexistência da matéria que, invariavelmente, acabaram por ser massacrados.

Através dos tempos, o mundo hindu manifestou uma inextirpável crença na sua ideia monista do homem, da Natureza, do espírito e da vida.

E o budismo herético foi extinto na Índia pelos brâmanes ao longo de guerras que duraram duzentos ou trezentos anos.

Buda, o grande Buda, foi um traidor. É considerado como traidor na Índia, e os brâmanes não deixam de proclamar isso.

Não é no Renascimento do século XVI que de modo próprio retorna a infantilidade pouco invejável dessa diminuição do homem e dessa ideia anárquica da vida. Havia na Grécia, no século IV antes de Cristo, uma escola de filósofos cétricos que colocavam a vida à medida do homem e qualificavam como contos pueris os mitos divinos sobre os quais a autêntica civilização da Grécia tinha se edificado, mitos estes em que a vida subterrânea e mágica tinha feito fermentar o drama esquiliano.

De Ésquilo a Eurípides o mundo grego seguiu uma curva descendente. Nas escolas contamos que o homem, graças a Eurípides, pôde ter uma ideia mais justa e racional da Natureza. A verdade é que Eurípides destruiu a consciência da Natureza com sua concepção mesquinha e humanizada da vida. Os ignorantes falam da eterna cultura da Grécia e sobre o mesmo plano colocam Ésquilo, Sófocles e Eurípides, sem ver o mundo que os separa e sem ver que os três nomes representam as três etapas de uma curva funesta que conduziu, de século em século, *o homem a renunciar seus poderes*.

O termo "humanismo", na realidade, nada mais significa que uma *abdicação* do homem. Para os mitos divinos, o homem é o igual da Natureza, que ele compreende sinteticamente; mas quando nasce

o espírito analítico, o homem imagina penetrar a Natureza e dissecar seus segredos, exatamente como um cirurgião disseca um músculo ou separa os órgãos do corpo; de modo que, no mesmo instante, assim como o cirurgião cessa de estar à escuta do corpo, o homem perde seu contato com a Natureza, pois é apenas pelo instinto que podemos penetrar a alma da Natureza. Diga-se o que quiser contra o conhecimento instintivo, mas é ele que torna possíveis todas as grandes invenções humanas. É a *imaginação sem limites* do homem que em todos os tempos nutriu as civilizações. Cada vez que reaparece o espírito racional, essa reaparição indica que um mundo vai morrer. Ora, no espírito da raça branca, há uma tara que, periodicamente, a leva a negar que a compreensão do mundo não pode se limitar e a se concentrar num saber que talvez seja claro, mas inútil, pois se apoia apenas em objetos mortos, os membros dispersos e inanimados da Natureza.

A luta, hoje, está localizada entre o saber ocidental, preciso e morto, e o saber confuso, mas que vive uma eterna existência, do monismo oriental.

p.s.: Não devemos confundir a alta metafísica do Oriente, tal como nos foi transmitida desde o século VIII antes de Cristo, nas versões escritas dos Vedas (metafísica que une o espírito e a matéria em um todo indestrutível, refletindo-se, por sua vez, por partes, no mundo do *Sangsara* ou domínio da ilusão universal), eu repito, é preciso não confundir essa alta metafísica monista com as falsificações que nos são oferecidas pelo teosofismo inglês de H. —P Blavatsky e Annie Besant. A escola teosófica é inglesa e representa o esforço feito pelo *Intelligence Service* para meter seu nariz até nas doutrinas do Oriente.